

ARTIGO

Análise do homem em uma caverna tecnológica: o interdiscurso e o *ethos* discursivo na obra *A Caverna* de José Saramago

Ivanaldo Oliveira dos Santos¹

Gerizilda Dantas de Souza²

Resumo: O presente estudo tem por objetivo analisar o discurso na obra *A Caverna*, de José Saramago, do personagem Cipriano. O fragmento selecionado na obra aborda o impasse do homem moderno diante do avanço da tecnologia. A análise teve como trajeto temático as categorias de interdiscurso, cena discursiva e *ethos* discursivo desenvolvidas por Maingueneau. Além disso, foram utilizados, dentre outros, Charaudeau e Orlandi. Por fim, apontamos o interdiscurso que se entrelaça com o discurso da obra de Platão. Observamos que Saramago reformulou o discurso platônico para apresentar como o homem contemporâneo ainda é prisioneiro de suas próprias correntes.

Palavras-chave: Saramago; Caverna; Maingueneau; Interdiscurso; *Ethos* discursivo.

Introdução

Refletir sobre as questões levantadas por Platão no Livro VII, da *República*, tem sido uma tarefa de pesquisadores de várias áreas de estudos. As considerações apresentadas nessa obra servem de inspiração para a criação de novos pensamentos

¹ Filósofo, doutor em estudos da linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), realizou estágio pós-doutoral em estudos da linguagem na Universidade de São Paulo (USP) e estágio pós-doutoral em linguística na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente é professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

² Graduada em Letras Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

acerca do homem e a filosofia que adota como forma de viver, tudo isso voltado para o alcance de conhecimento. Platão mostra, através de um jogo de ideias, a vida do homem mergulhado na ignorância, em que uma vez resgatado pelo conhecimento tem a missão de passá-lo à frente, libertar outros da ignorância ou seguir em frente com suas próprias metas. Dessa forma, Platão é até os dias atuais referência para as mais complexas discussões acerca do homem e da sua busca por conhecimento e poder.

É partir disso, e ao pensar sobre o dilaceramento do corpo e do comportamento humano presentes na obra de Platão, que o escritor português José de Sousa Saramago usa o Livro VII, referente ao mito da caverna de Platão, como alegoria para apresentar o comportamento do homem no século XXI, mostrando-o em sua mais frenética busca pelo conhecimento e poder numa era tecnológica e capitalista. Saramago, em *A Caverna*, trouxe para a atualidade mais uma releitura do discurso platônico, acerca do homem e sua relação consigo mesmo, vivendo um impasse entre seguir as leis e a burocracia, tornando-se prisioneiro dele, além de lidar com a influência que a sociedade ao seu redor exerce sobre suas escolhas.

Isto posto, o objetivo do presente estudo é o de investigar como Saramago utilizou o discurso apresentado na obra de Platão para refletir sobre o homem tecnológico, ligado por uma série de conhecimentos, mas prisioneiro dele mesmo ao se prender aos desejos de um local regido pelo poder capitalista, além de ser um grande Centro³ tecnológico. Assim, nosso propósito de pesquisa se volta para

³ Cidade apresentada por Saramago, em *A Caverna*, que pelo seu tamanho é chamada de Centro. Outro aspecto que caracteriza esse local é a predominância da tecnologia para realizar a todas as atividades do dia a dia, como uma dependência sem fim pelas telas dos aparelhos eletrônicos.

análise do interdiscurso e do *ethos* discursivo na *Caverna* de José Saramago.

Para tanto, desenvolvemos esta investigação tendo como embasamento os subsídios teóricos e as discussões feitas por Maingueneau (1990, 1996, 2000, 2006, 2007, 2008); Charaudeau (2013); Orlandi (2009), que retratam a Análise do Discurso, o interdiscurso e o *ethos* discursivo. Por conseguinte, nos propomos responder as seguintes questões que presidem nossa pesquisa: (a) como o interdiscurso é apresentado para a reatualização do mito da caverna de Platão por José Saramago em sua obra? (b) qual o *ethos* discursivo do personagem Cipriano Algor na obra *A Caverna*?

O *corpus* é constituído de um fragmento da passagem em que aparece Cipriano, presente em *A caverna*, de José Saramago, tendo como foco de análise o interdiscurso e o *ethos* discursivo. A escolha por este personagem deu-se em razão dele ser o maior representante do interdiscurso entre a obra de Saramago e a de Platão, representando uma quantidade significativa dos diálogos que fazem menção ao foco da nossa análise. Isso tudo se justifica pelo fato de ser ele a representação do homem que escolhe sair da caverna, fato que faz ligação com *A Caverna* de Saramago, assim como a caverna presente no mito de Platão.

O presente estudo está dividido em quatro partes, sendo elas: (1) Dominique Maingueneau e a Análise do Discurso de orientação francesa; (2) Categorias de análise: interdiscurso, cena discursiva e *ethos* discursivo; (3) A caverna de Saramago e o homem aprisionado do século XXI: interdiscurso e *ethos*. Por fim, a título de conclusão, afirma-se que são necessários novos estudos para haver um maior aprofundamento no campo da interpretação sobre o mito da caverna e

respectiva reatualização realizada por Saramago e outros escritores contemporâneos.

1 Dominique Maingueneau e a Análise do Discurso de orientação francesa

Dominique Maingueneau é um importante linguista francês, professor da Universidade de Paris IV-Sorbonne, apresentando estudos voltados para a Análise do Discurso. Suas pesquisas começaram a ser desenvolvidas por volta dos anos de 1970, apresentando ideias em que mostrava um quadro inseparável do texto e do contexto social da sua produção e circulação. Além de contribuir para a Análise do Discurso, os estudos de Maingueneau trazem importantes considerações para a análise literária mostrando formas de interpretar os textos.

O autor aborda que “a análise do discurso não tem *corpus* próprio: ela pode analisar o mesmo *corpus* que outras disciplinas, mas a partir de sua própria abordagem” (MAINGUENEAU, 2000, p. 3). À vista disso, entende-se que os estudos acerca dessa disciplina seguem suas próprias particularidades, assim como outras disciplinas que se ocupam do estudo de língua e textos. As discussões em torno da Análise do Discurso, desenvolvidos por Maingueneau, abrangem a importância dos gêneros para a construção dos discursos, uma vez que para ele é através dos gêneros discursivos que podemos identificar as intenções da formação de determinado discurso.

Desse modo, percebemos como a Análise do Discurso pode ser heterogênea

ao se considerar os seus determinados gêneros e situações para se constituir, todos os fatos ligados a um enlace de vozes e ideias. Afinal,

[...] mesmo quando não está abertamente interessada em ideologia crítica, a análise do discurso é, radicalmente, uma atividade crítica: ela atinge algumas ilusões fundamentais dos falantes – a ilusão de estar dizendo o que eles têm intenção de dizer, a ilusão de que o lugar de onde eles falam não é constitutiva da significação. (MAINGUENEAU, 2000, p. 4).

Uma vez proferido, o sujeito deve levar em conta os impactos do seu discurso, como é o caso dos discursos reatualizados, em que o sujeito transmite uma ideologia discursiva sob um novo ponto de vista ao outro sujeito. Todo discurso, assim como todo gênero do discurso, tem o seu significado e papel no discurso do outro.

É importante o sujeito do discurso saber que a “Análise do Discurso não é para os analistas apenas para preencher algum vazio na linguística do sistema” (MAINGUENEAU, 2007, p. 16), pois ela além de ser uma extensão da linguística, veio reconfigurar todo o conjunto de conhecimentos acerca do discurso, em que o seu estudo abrange todo o conjunto da formação do discurso pelo sujeito.

O autor ressalta ainda que

[...] o interesse que governa a análise do discurso seria o de apreender o discurso como intricação de um texto e de um lugar social, o que significa dizer que seu objeto não é nem a organização textual, nem a situação de comunicação, mas aquilo que as une por intermédio de um dispositivo de enunciação específico. (MAINGUENEAU, 2007, p. 19).

Portanto, o posicionamento do sujeito na construção do discurso reflete muito para as análises a serem realizadas, uma vez que para o analista o que interessa é a motivação para a formação de tal discurso, bem como os interesses por trás dos enunciados proferidos. Afinal, “a Análise do Discurso está longe de ser considerada homogênea” (MAINGUENEAU, 2007, p. 20), a heterogeneidade do sujeito e o seu discurso contribuem para o campo de pesquisa da disciplina em que pudesse ser ampliado o campo da linguagem, não se detendo mais à pequenas partes do enunciado, mas sim na sua composição geral.

Dessa forma, a Análise do Discurso é vista pelo autor como uma disciplina da linguística do discurso em que os analistas utilizam a diversidade da AD para trabalhar um determinado *corpus* em várias vertentes, focando no sujeito e suas interações sociais, a fim de identificar e interpretar os discursos e as situações que o formaram.

1 Categorias de análise: interdiscurso, cena discursiva e *ethos* discursivo

1.1 Interdiscurso e sua tríade

Em tese, o interdiscurso é constituído tanto de diferentes discursos que se complementam, apresentados em contextos históricos e sociais, como de discursos que se opõem, ou até mesmo em estado de antagonismo. Por isso, falar de interdiscurso é uma forma dos analistas do discurso refletirem sobre a identidade discursiva de determinado sujeito. Em outras palavras, o discurso torna-se uma

ferramenta para que se possa compreender a forma contínua com que os sujeitos interagem com outros sujeitos, formando um discurso, reformulando e repassando esse discurso, possibilitando assim novas estruturas discursivas provindas. Dessa forma,

o interdiscurso consiste em um processo de *reconfiguração incessante* no qual uma formação discursiva é levada [...] a incorporar elementos pré-construídos, produzidos fora dela, com eles provocando sua redefinição e redirecionamento, suscitando, igualmente, o chamamento de seus próprios elementos para organizar sua repetição, mas também provocando, eventualmente, o apagamento, o esquecimento ou mesmo a degeneração de determinados elementos. (MAINGUENEAU, 1997, p. 113, itálicos dos autores).

Portanto, a noção de interdiscurso mostra como a formação discursiva é uma área aberta, instável, e não estabilizada acerca das perspectivas de mundo de um sujeito e/ou grupo social. (MAINGUENEAU, 1997). Um ponto importante para se compreender a constituição do interdiscurso é a ideia de que ele é formado por vários outros discursos provenientes de um momento histórico, social e de diferentes sujeitos.

Trata-se, pois, dentro dos tradicionais estudos da análise do discurso, da explanação e discussão acerca da heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva, ou seja, “a primeira a incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação, enquanto a segunda aborda uma heterogeneidade que não é marcada em superfície” (MAINGUENEAU, 1997, p. 75). A heterogeneidade mostrada é identificada através

as formas linguísticas do discurso, seu nível sintático; a heterogeneidade constitutiva mostrada através das diferentes ideologias, histórias e formações discursivas de um sujeito.

Em seus estudos, Maingueneau nos apresenta uma nova forma para expor o interdiscurso, uma fórmula composta por três elementos: *universo discursivo*, *campo discursivo* e *espaço discursivo*.

O primeiro elemento, denominado *universo discursivo*, é definido por Maingueneau (2008) como de pouca utilidade para os analistas, uma vez que ele representa “o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que coexistem, ou melhor, interagem em uma conjuntura. Este conjunto é necessariamente finito, mas irrepresentável, jamais concebível em sua totalidade pela AD” (MAINGUENEAU, 1997, p. 116).

O universo discursivo, como o próprio nome sugere, abarca as formações discursivas, por esse fator ele acaba se tornando finito, pois representa a formação de enunciados em uma determinada época através de formas variadas de práticas discursivas. O autor ressalta, ainda, que apesar de serem finitos, os discursos no universo discursivo não são apreendidos em sua totalidade, mas permite a formação de uma unidade afunilada de formações discursivas, nomeada por *campo discursivo*, sendo assim, o segundo componente da tríade do interdiscurso.

Desse modo, Maingueneau (2008) mostra que o *campo discursivo* se caracteriza como sendo:

Um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo. ‘Concorrência’ deve ser

entendida da maneira mais ampla; ela inclui tanto o confronto aberto quanto a aliança, a neutralidade aparente etc. [...] entre discursos que possuem a mesma função social e divergem sobre o modelo pelo qual ela deve ser preenchida. (MAINGUENEAU, 2008, p. 34).

É no campo discursivo que os discursos podem se tornar concorrentes, seja do campo político, religioso, filosófico, literário, através das formações discursivas, a partir das quais serão observados os efeitos de confronto, concordância, ou até mesmo neutralidade acerca dos discursos inseridos em cada um desses campos. De modo geral, é nessa conjuntura das formações discursivas que os discursos podem se constituir em concordância com outras formações discursivas já existentes, como também podem se constituir contrapondo a essas formações, pois mesmo pertencendo a um mesmo campo, os discursos podem se constituir de outras formas.

Assim sendo, somos direcionados à discussão acerca do terceiro componente da tríade do interdiscurso, definida por Maingueneau (1997) por *espaços discursivos*, que

[...] delimita um subconjunto do campo discursivo, ligando pelo menos duas formações discursiva que, supõe-se, mantêm relações privilegiadas, cruciais para a compreensão dos discursos considerados. Este é, pois, definido a partir de uma decisão do analista, em função de seus objetivos de pesquisa. (MAINGUENEAU, 1997, p. 117).

O analista do discurso, ao isolar determinado espaço discursivo, o faz com

base em seus conhecimentos históricos, fundados de questões de análises específicas para aquele discurso, as quais podem ser ou não confirmadas no decorrer dos estudos realizados. Assim, Maingueneau (2008) mostra que com essa tríade pretende ir “além da distinção entre heterogeneidade ‘mostrada’ e heterogeneidade ‘constitutiva’, revelar a relação com o Outro independentemente de qualquer forma de alteridade marcada” (MAINGUENEAU, 2008, p. 37), uma vez que o analista não será limitado ao processo de citações e alusões de um determinado discurso.

Nesta perspectiva, o interdiscurso, apresentado nos estudos de Maingueneau, é definido através de uma interdiscursividade, ou seja, discursos colocados em relação com outros discursos. Assim, “reconhecer este tipo de primado do interdiscurso é incitar a construir *um sistema no qual a definição da rede semântica que circunscreve a especificidade de um discurso coincide com a definição das relações desse discurso com seu Outro*” (MAINGUENEAU, 2008, p. 35-36, grifos dos autores).

Portanto, a categoria do interdiscurso na AD é uma importante ferramenta de análise e compreensão da constituição dos discursos, possibilitando o entendimento dos vários discursos no meio social. O interdiscurso mostra a relação do discurso com outros discursos e com ele mesmo, sendo possível entender sua constituição e as escolhas realizadas para sua formulação.

1.2 Cenas do discurso

Supõe-se que para compreender um enunciado em sua totalidade o leitor deve apenas conhecer as normas de constituição do gênero discursivo ao qual aquele enunciado está ligado. Mas, isso se torna insuficiente quando, em um determinado momento, nos deparamos com um enunciador que está nos oferecendo um determinado produto (cena englobante) em forma, por exemplo, de um poema (cena genérica), pensamos de início que estamos em uma situação de encenação poética (cenografia), mas estamos no meio de uma propaganda em forma de versos, ou seja, uma maneira criativa do enunciador (vendedor) conquistar a atenção do seu co-enunciador (cliente/consumidor). Nestes termos, o que vai definir a compreensão do enunciado será o quadro cênico que o engloba, pois conforme Maingueneau (2002, p. 85) ressalta, “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é *encenada*”.

O discurso é a junção da forma como o sujeito usará a materialidade do texto com as formações discursivas provenientes do contexto histórico, social e cultural em que está inserido. Permitindo dessa maneira, a manifestação das três cenas da encenação enunciativa do discurso: a *cena englobante*, a *cena genérica* e a *cenografia*. Sendo nessa última onde se encontra o sentido do discurso em si, revelando como esse discurso realmente está sendo apresentado do enunciador ao co-enunciador, fazendo com que a cena englobante e a cena genérica fiquem em segundo na análise do enunciado. Portanto,

A cenografia é, assim, *ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra*; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia da qual vem a fala é, precisamente, *a* cenografia necessária para contar uma história, denunciar uma injustiça, apresentar sua candidatura em uma eleição etc. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 96, itálicos dos autores).

Com isso, podemos afirmar que é a partir da encenação do enunciado que esse se legitima, que o enunciador consegue dar validade a sua voz e ao que propõe em seu discurso. A cenografia mostra de onde o discurso surge, com qual intenção ele está inserido em determinado momento, fazendo com que o *ethos* – categoria que iremos abordar mais adiante – do enunciador seja construído pelo seu co-enunciador. O enunciado mostra uma cena que através dele mesmo necessita legitimar o que está sendo encenado.

É nesse quadro de análise, guiado por essas três cenas distintas, que a cena da enunciação é desvendada nos estudos da AD. Assim, falaremos mais sobre esses elementos para que possamos compreender melhor sua contribuição para a AD, seu objeto e a formação do *ethos* discursivo.

1.3 *Ethos* discursivo

Vimos anteriormente que todo e qualquer discurso possui categorias para a sua constituição – também chamados de discursos constituintes – e tem o *ethos* discursivo como parte dessas categorias. Em seus estudos, Maingueneau apresenta a definição de *ethos* partindo da retórica, uma vez que foi através dos pressupostos

de Aristóteles que esse termo veio ingressar nas análises de algumas áreas de estudo, entre elas, a Análise do Discurso. Nos termos da retórica, o *ethos* é visto como uma forma de construção do discurso em uma vertente que cause uma boa impressão, como forma de persuadir/convencer o auditório através da imagem criada de si pelo seu discurso. Assim, “o destinatário deve então, atribuir certas propriedades à instância que é posta como fonte do acontecimento enunciativo” (MAINGUENEAU, 2008, p. 13), e então cabe ao orador passar ao destinatário a confiança do seu discurso, seguindo um caminho em que o auditório possa ver a imagem de um discurso confiável, regido por prudência, virtude e benevolência, características sugeridas por Aristóteles.

Maingueneau (2008) ressalta, ainda, que, o *ethos* apesar de estar ligado ao ato de enunciação, o público constrói o *ethos* do enunciador antes mesmo desse falar. Dessa forma, é importante levar em consideração alguns fatores que compõem o enunciado, como, por exemplo, o gênero do discurso, uma vez que a partir deste o público/leitor pode perceber as intenções do autor/locutor. É importante destacar que “o *ethos* de um discurso resulta de uma interação de diversos fatores: o *ethos* pré-discursivo, o *ethos* discursivo (*ethos mostrado*), mas também os fragmentos do texto em que o enunciador evoca sua própria enunciação (*ethos dito*)” (MAINGUENEAU, 2006, p. 270, grifos dos autores), de forma direta ou indireta o locutor/autor apresenta seu *ethos* discursivo perante ao seu público, sendo esse momento realizado antes mesmo que ele pronuncie algo.

Saindo da retórica, percebemos como o *ethos* está presente em diferentes modalidades. Maingueneau (2006) nos mostra que a noção do *ethos* permite

associar o corpo e discurso e que através do discurso pode-se perceber como este é articulado, ligado a algum fator histórico, permitindo uma movimentação maior para a identificação do discurso em vários fatores de constituição. Dessa forma, o *ethos* é percebido através da interação na cena da enunciação ao qual o *ethos* faz parte. Maingueneau mostra alguns deslocamentos que a AD deve fazer para que assim, possa integrar o *ethos* aristotélico. O autor mostra que

[...] em primeiro lugar, precisa afastar qualquer preocupação ‘psicologizante’ e voluntarista’, de acordo com a qual o enunciador, à semelhança do autor, desempenharia o papel de sua escolha em função dos efeitos que pretende produzir sobre seu auditório. Na realidade, do ponto de vista da AD, esses efeitos são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva. (MAINGUENEAU, 1997, p. 45).

Levando em consideração esse primeiro aspecto, a AD deve conceber o *ethos* levando em consideração vários fatores que formam a cena enunciativa, o que é dito tem um significado em relação às formações discursivas que o geraram. Dessa forma, “em segundo lugar, a AD deve recorrer a uma concepção do *ethos* que, de alguma forma, seja transversal à oposição entre o oral e o escrito” (MAINGUENEAU, 1997, p. 46), uma vez que a AD, diferentemente da retórica, não leva em consideração apenas o oral, mas também o escrito em suas análises e construção do *ethos*, pois assim como o ato da fala, o ato da escrita também representa uma voz, essa constitui, conseqüentemente, um *ethos*.

O *ethos* discursivo apresentado por Maingueneau em seus estudos leva em consideração que “o discurso constituinte reúne seus consumidores *mostrando* (no

sentido da pragmática) um *ethos*, uma certa maneira de habitar seu corpo. Através desse *ethos* o enunciador se investe de uma identidade e confere uma a seu ouvinte/leitor” (MAINGUENEAU, 2000, p. 11, grifos dos autores). Assim sendo, o *ethos* discursivo será resultante das proporções que forem apresentadas na cena de enunciação, o sujeito permite que uma identidade seja construída através do seu discurso, seja esse falado ou escrito – esse segundo, é o caso do *corpus* de análise desse trabalho.

2 A caverna de Saramago e o homem aprisionado do século XXI: interdiscurso e *ethos*

Com base nos pressupostos teóricos apresentados anteriormente, abordamos o processo de análise do *corpus* selecionado. Analisamos a fala ligada ao Cipriano Algor em *A Caverna*, de José Saramago, com o propósito de investigar como se constitui o *ethos* dessa personagem em relação ao conhecimento e ao Centro dentro da obra, e como o interdiscurso está presente na construção do enredo da obra. É importante destacar que preservaremos a escrita original da obra, ou seja, escrita do português de Portugal, uma vez que o autor não permite a tradução dos seus textos para a variante do português existente no Brasil.

2.1 As ações que levam até o conhecimento

Temos, em um dos momentos do livro, uma reflexão em volta do Cipriano acerca da visão, do que os olhos são capazes de enxergar e o que eles ignoram. O

oleiro está se dirigindo até o Centro com uma nova proposta de trabalho, onde pretende apresentar ao Centro o plano de fabricação de bonecos de barro, já que sua louça foi considerada ultrapassada pelos chefes do departamento comercial do Centro, ao serem colocadas em comparação com as louças de plásticos surgidas com o avanço da industrialização. Somos levados à reflexão acerca do crescimento daquela metrópole e tudo quanto a rodeia, inclusive o conhecimento.

Fragmento

- Vamos lá ver o que isto virá a dar, murmurou o oleiro [...]. Hoje a furgoneta vai vazia, Cipriano Algor já não pertence ao grémio dos vendedores pela razão irresponsável de que o seu fabrico deixou de interessar, agora leva meia dúzia de desenhos no assento ao lado, [...] e esses desenhos são a única e frágil bússola desta viagem. [...]. Diz-se que a paisagem é um estado de alma, que a paisagem de fora a vemos com os olhos de dentro, será porque esses extraordinários órgãos interiores de visão não souberam ver estas fábricas e estes hangares, estes fumos que devoram o céu, estas poeiras tóxicas, estas lamas eternas, estas crostas de fuligem, o lixo de ontem varrido para cima do lixo de todos os dias, o lixo de amanhã varrido para cima do lixo de hoje, aqui seriam suficientes os simples olhos da cara para convencer a mais satisfeita das almas a duvidar da ventura em que supunha comprazer-se. (SARAMAGO, 2000, p. 89-90).

O homem tem a condição de cegueira diante fatos que lhe obrigam a refletir, a aceitar as consequências de suas ações, da sua própria verdade. Ele, por um momento, ver apenas o que lhe é conhecido, o que ele sente seguro em aceitar, o que ele pensa dominar.

Para apresentarmos a cenografia desse discurso, devemos fazer uma retomada ao que representa a cenografia, sendo ela definida por Maingueneau

(2002) como responsável tanto pela fonte do discurso, como também pelo que ele cria, como um sistema contraditório de interpretação, uma vez que o discurso inicia sugerindo algo, mas somente é validada no decorrer da enunciação. Assim, o Fragmento apresentado acima faz parte do campo discursivo literário, formado através da cena englobante e da cena genérica que Maingueneau (2002) vem definir como quadro cênico, ou seja, responsável pelo espaço estável do enunciado, seu sentido.

Dessa forma, o sentido do fragmento apresentado acima é composto por um discurso filosófico (cena englobante), cujo gênero literário (cena genérica) apresenta um homem em um dia rotineiro com projetos de trabalhos. A cenografia legitima esse quadro, mostrando um homem que está à parte de todos os homens em relação à visão do mundo e do conhecimento, uma vez que ele segue em frente com novas perspectivas – mesmo sendo elas limitadas ao seu pouco conhecimento de mundo. Aqueles homens ao redor e dentro do Centro só veem uma única verdade e ignoram as consequências dos seus atos, cegos perante a revelação de outras verdades e outros conhecimentos. Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 96) ressaltam ainda que a cenografia “não é imposta pelo tipo ou pelo gênero de discurso, mas instituída pelo próprio discurso”, ela é responsável por um conjunto de fatores inseparáveis para o entendimento do enunciado.

Nesse sentido, a cenografia apresentada no Fragmento 1 é constituída por um homem, Cipriano Algor, pai de Marta, sogro de Marçal, oleiro de profissão, que ver todo o seu mundo ser questionado através do avanço tecnológico do Centro, e que é posto de lado no momento em que se julga não ser mais necessário, além de

que ver no Centro um ganho para seu sustento, mas também o aprisionamento do homem através do conhecimento cego que ele oferece. Assim, ao enunciar “*Vamos lá ver o que isto virá a dar*”, chama a atenção para o mundo a sua volta, reforçado pelo narrador, no qual, de acordo com Maingueneau (2002), o quadro cênico é passado a segundo plano diante a cenografia. Essa operação possibilita que o discurso filosófico, enunciado pelo narrador, ganhe legitimidade ao usar o Cipriano como ponto de partida para uma mudança, aceitação do novo, mas limitado pelos que julgam o conhecimento único e soberano, ignorando fatos que essa atitude provoca.

Dessa maneira, o discurso que compõe o fragmento apresentado não tem a intenção de mostrar apenas o homem em mais um dia de correria, de elaboração de projetos, de tentativas de arrumar emprego, mas sim de mostrar o homem em um cenário de caos, que durante sua passagem até o Centro se depara com as consequências que as mudanças da grande metrópole provocam, isto é, um mundo interno do homem sendo guiado apenas pelo que conhece, apenas pelo que ele mesmo cria e domina.

É nesse discurso que o enunciador deve tomar partido, uma vez que a cena englobante desse enunciado necessita que “nos situemos para interpretá-lo” (MAINGUENEAU, 2002, p. 86), pois a cenografia apresentada explora o mundo através da visão do homem e apresenta Cipriano como um guia para que possamos entender o que está acontecendo a nossa volta, é na cenografia “que é tanto condição como produto da obra, que ao mesmo tempo está ‘na obra’ e a constitui, que são validadas os estatuto do enunciador e do co-enunciador” (MAINGUENEAU, 2006, p. 252). O discurso do fragmento escolhido utiliza da

consciência do próprio homem para validar e ganhar a aceitação da filosofia e reflexão apresentada ao seu co-enunciador.

Cipriano, ao tomar o discurso “Vamos lá ver o que isto virá a dar”, assume a posição de homem disposto a tentar novo caminho, mesmo diante de uma travessia sinuosa, cheia de desafios e de possíveis repúdios por parte daqueles que estão a sua volta. É essa a cenografia que o enunciado cria e, ao mesmo tempo, o enunciado que a cenografia autentica. É importante destacar, ainda, como complemento do quadro da enunciação, o enunciado proferido pelo narrador em volta de Cipriano: *“seriam suficientes os simples olhos da cara para convencer a mais satisfeitas das almas a duvidar da ventura em que supunha comprazer-se”*.

Por meio desse discurso, o enunciador mostra o restante dos homens, estes com uma visão limitada, onde eles que são possuidores da tecnologia, da grande metrópole (Centro) enxergam apenas o que acham que lhes dão prazer, o que é palpável e supremo na sua própria visão. Cipriano coloca-se como o homem que enxerga além das limitações do Centro, ou da Caverna, e mesmo com sacrifícios busca uma luz para que possa solucionar seus problemas e os da sua olaria, indo contra a limitação do Centro, que vê na tecnologia apenas, vasilhas de plástico, sinônimo de avanço, lucro e sucesso. Portanto, a cenografia mostra que o homem pode ser dono do seu destino, basta ele escolher ir contra ou não à escuridão, das limitações que os outros colocam em seu caminho. Ele pode crescer, basta ir e tentar ver o que acontece.

Temos ainda a possibilidade de identificar o interdiscurso. Da mesma forma como a cenografia possui a sua volta o quadro cênico, o interdiscurso possui

uma tríade formada, segundo Maingueneau (2008), por: universo discursivo, representando um conjunto finito de formações discursivas, ao qual os analistas mal recorrem no momento de estudo; campos discursivos, conjunto de formações discursivas que se encontram no universo discursivo, e assim, se delimitam, pelo fato de estarem em uma concorrência; por fim, na tríade do interdiscurso, encontramos os espaços discursivos, que representam os conjuntos de formações discursivas que os analistas, diante de seus objetivos, selecionam como importantes para pôr em relação, facilitando a análise de partes menores dos discursos.

Diante disso, ao analisar o fragmento 1, “*diz-se que a paisagem é um estado de alma, que a paisagem de fora a vemos com os olhos de dentro*”, somos levados a uma intensa passagem, em que o sujeito apresenta uma paisagem devastada, mas que o homem não enxerga, ou ignora por não ser do seu interesse. Sendo o enunciado que nos leva de volta ao trajeto do homem na caminhada em busca de conhecimento, em que muitas das vezes, ele absorve aquilo que apenas lhe é essencial, ignorando fatores que podem contribuir para uma educação interdisciplinar, tornando-se cego às várias oportunidades que podem atravessar seu caminho.

Ao nosso cotidiano, podemos levar como exemplo o embate das ciências, onde cada área acredita veementemente em sua teoria; as religiões, que servem de embate entre aos mais variados sujeitos, em que estudam a fé do outro com o objetivo de atacar e desconstruir seus ideais; e o governo, que luta acima do outro por direitos que julgam ser seu por direito de formação e hierarquia superior.

Através da cenografia, percebemos como o sujeito tenta atravessar a

passagem devastadora, tenta construir novas ideias, mas os caminhos são difíceis quando outros não abrem seus olhos. Vale salientar que, “o discurso não adquire sentido a não ser no interior de um universo de outros discursos, através do qual ele deve abrir um caminho” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 172), o interdiscurso representa, de acordo com os estudos de Maingueneau (1997), uma reconfiguração das formações discursivas.

Quando nos deparamos com o enunciado – *Diz-se que a paisagem é um estado de alma, que a paisagem de fora a vemos com os olhos de dentro, será porque esses extraordinários órgãos interiores de visão não souberam ver estas fábricas e estes hangares [...] o lixo de ontem varrido para cima do lixo de todos os dias, o lixo de amanhã varrido para cima do lixo de hoje, aqui seriam suficientes os simples olhos da cara para convencer a mais satisfeitas das almas a duvidar da ventura em que supunha comprazer-se* – somos levados ao discurso proferido por Platão, no livro VII, na obra *A República*, em que o filósofo, apresenta a caminhada do homem até chegar ao fim do caminho fora da caverna a qual estava aprisionado, mas que em um primeiro momento, ao ver a grande luz, este homem fica cego, levando um tempo para se acostumar com a claridade e assim tomar conhecimento do mundo que estava ao seu redor.

Posteriormente, o filósofo nos apresenta o poder da visão, mostrando como ela oportuniza ao homem conhecer o mundo e a si mesmo, tendo que a alma se elevará e ele será capaz de ver o bem e o mal, refletir e corrigir o que antes não era visto, uma vez que agora o sujeito ganha conhecimento, sai da ignorância, da escuridão.

Já no enunciado destacado acima, encontramos que a cegueira do homem se dá pelo conhecimento que ele já possui, ele ignora certos trajetos da passagem, observando apenas o que lhe convém, o que não denuncia sua irresponsabilidade diante o mundo a sua volta. A relação entre esses discursos é possível através da memória, já que “o discurso é também dominado pela memória de outros discursos” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 325).

Dessa maneira, o enunciador busca na nossa memória o reconhecimento do seu discurso, validando sua fala, reformulando de acordo com as necessidades enunciativas atuais a mensagem do seu enunciado. Portanto, é compreensível a origem desses discursos, isto é, sua convergência para o mesmo ponto, mas modificados e apresentados na história em contextos particulares no momento que são enunciados.

Conforme apresentado, a cenografia deve sustentar pelo seu próprio enunciado, o que ela própria diz, a cenografia apresentada pelo narrador apresenta seu *ethos* e valida Cipriano fiador do seu discurso e como representação do homem que busca o avanço no meio de um cenário aparentemente evoluído, mas na verdade preso em sua própria filosofia.

O enunciador, por meio do seu discurso, mostra como o homem pode ser independente no meio social em que ele vive, estabelecendo seu futuro de acordo com o desejo de mudar e aceitar novas possibilidades e perspectivas de evoluir. Quando o Cipriano toma posição e enuncia que “*Vamos lá ver o que isto virá a dar*”, ele sai do estado de letargia e assume o lugar de alguém determinado, forte, com novos planos e com a clareza necessária para saber os perigos desse mundo que o

renega.

O enunciador, ao mobilizar preocupação com a transição entre uma paisagem a outra e como os olhos a enxerga, mostra seu *ethos* de alguém preocupado com a cegueira humana, que ver apenas o que lhe é necessário e prazeroso, deixando de lado as imundícies da humanidade contra sua própria raça. Dessa maneira, “o *ethos* constitui, um articulador de grande polivalência. Recusa toda separação entre o texto e o corpo, mas também entre o mundo representado e a enunciação que o traz” (MAINGUENEAU, 2006, p. 278). É nessa linha, que o Cipriano constrói sua identidade na cenografia, pois mostra que irá continuar seguindo e se arriscando no desconhecido, mesmo que isso não lhe traga nada. Um fator que contribui para a construção da sua identidade é a atual situação do homem moderno.

O *ethos* do homem no discurso evidencia a posição de alguém disposto a mudar, que mesmo cercado pela cegueira de seus companheiros mostra que o homem do século XXI está acomodado em uma caverna tecnológica, na qual o conhecimento está à disposição, mas que, diferente do que ele pensa, ele não o comanda, ele é comandado, ele é submetido pelo costume de viver numa paisagem onde tudo é colocado de lado, onde o velho não serve mais para o novo, e o conhecimento não é mais partilhado, ele é a arma para maiores disputas. É então, segundo Maingueneau (2002), através do enunciado, que o *ethos* é revelado, sendo possível conhecer a identidade do enunciador.

O enunciador, ao proferir que “*Cipriano Algor já não pertence ao grémio dos vendedores pela razão irresponsável de que o seu fabrico deixou de interessar*”,

mostra a validade do homem e do seu conhecimento, onde tudo que o vale é o interesse de crescimento constante, marca registrada do Centro, mas que para isso passa por cima de tudo e de todos, não se importando com as consequências desses atos. Dessa forma, esse enunciado permite dentro da cenografia a percepção de um *ethos* “do corpo apreendido por intermédio de um comportamento global” (MAINGUENEAU, 2002, p. 99). Ademais, Cipriano é validado na cenografia como alguém que irá seguir em frente, sem se deixar acomodar pelo que já apreendeu.

Portanto, é válido ressaltar que “o caráter e a corporalidade do fiador provêm de um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apoia a enunciação que, por sua vez, pode confirmá-las ou modificá-las” (MAINGUENEAU, 2002, p. 99), e o co-enunciador ao tomar partido dentro do enunciado através da cenografia, também valida o *ethos* do enunciador.

Considerações finais

Foi analisado o discurso da obra *A Caverna* de José Saramago, para mostrar como o autor reatualizou a obra de Platão por meio do interdiscurso, e como é apresentado o *ethos* discursivo do Cipriano. Para isso, selecionamos um fragmento da fala desse personagem, com o intuito de responder as questões que deram início a esse estudo, levando em consideração uma das metas de Saramago ao criar a obra: mostrar como o homem está alienado, dependente do capital e da tecnologia, cego diante de todo o conhecimento que possui. Dessa forma, nosso objetivo, no decorrer deste trabalho, foi analisar o Interdiscurso e o *Ethos* Discursivo na obra *A*

caverna de José Saramago.

Uma vez que para se chegar à apresentação do *ethos* e do interdiscurso, apresentamos a cena de enunciação do trecho analisado para que pudéssemos ter maior entendimento do excerto selecionado, compreendemos que o enunciado escolhido para análise, por meio do interdiscurso e do *ethos* de seu personagem, possui um valor filosófico. Entendemos que o autor busca a reflexão do seu leitor perante a situação que eles se encontram, e essa leitura nos leva a considerar que aquilo não está longe de nossa realidade.

No que diz respeito às categorias de análise escolhidas para o desenvolvimento desse trabalho, concluímos que as cenografias apresentadas no fragmento analisado partiam do cotidiano do homem até chegar a um momento filosófico em que o enunciador colocava o seu co-enunciador a assumir um local naquele enunciado e que tais cenografias exaltavam o poder de escolha do homem, mostrando a todo o momento que seu destino estava em suas mãos, cabendo ao sujeito dizer como deve viver e o que pode ou não fazer parte do seu pensamento. As cenas desse trecho permitem que o homem se coloque em reflexão sobre si, que ele veja que suas ações podem libertá-lo ou aprisionar para sempre.

Com relação ao interdiscurso, chegamos à conclusão de que os discursos encontrados no fragmento da obra de Saramago fazem parte de uma mesma formação discursiva, na qual o autor reatualizou os discursos primeiros para constituir o seu próprio. Os discursos encontrados durante a análise da passagem selecionada têm relação com partes distintas do Livro VII, da obra *A República*, de Platão. Dessa forma, o texto apresenta marca interdiscursiva filosófica, uma vez que

ele faz relação com o discurso primeiro (Platão).

Constatamos ainda que o *ethos* do Cipriano Algor, durante a evolução da narrativa, assume a imagem do sujeito que luta contra as armadilhas do Centro, a todo instante ressaltando que a mudança para metrópole significaria viver em uma prisão, pois lá não teria a liberdade de ser e fazer o que lhe formou como homem, mas que ao mudar-se para o Centro começa a ser conquistado pelas máquinas e pela modernidade que ele oferece, voltando apenas a imagem do sujeito autônomo ao se deparar com a caverna e os prisioneiros que lá foram encontrados, decidindo, portanto, abandonar aquele mundo e viver fora de suas correntes.

Por fim, entendemos que a pesquisa pode contribuir para as teorias da análise do discurso e para o fortalecimento de estudos vinculados aos postulados epistemológicos de Maingueneau, a partir dos quais podem ser utilizadas as categorias de interdiscurso, cena discursiva e *ethos* discursivo para a problematização e leitura dos discursos. Vale ressaltar que os apontamentos apresentados neste trabalho não devem ser considerados prontos e finalizados, assim como inquestionáveis, uma vez que acreditamos que desse mesmo *corpus* podemos ainda explorar outros elementos da análise do discurso e até de outras áreas de conhecimentos, a fim de aprofundarmos a interpretação sobre o mito da caverna, sobre sua reatualização realizada, por exemplo, a partir de Saramago.

Referências

- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.
_____.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MAINGUENEAU, D. A análise do discurso e suas fronteiras. *Matraga*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 20, p. 13-37, jan./jun., 2007.

_____. Analisando discursos constituintes. *Revista do GELNE*. Fortaleza, n. 2, v. 2, 2000.

_____. Análise de discurso: a questão dos fundamentos. In: *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 19, p. 65-74, jul/dez., 1990.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Elementos de linguística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. *Novas tendências em análise do discurso*. 3 ed. Campinas: Pontes; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009.

PLATÃO. *A República*. 2 ed. São Paulo: Martin Claret, 2010.

SARAMAGO, J. *A caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.